

---

## O MOVIMENTO DE JESUS

---

## E AS RESISTÊNCIAS FEMININAS

---

## PRESENTES NA SOCIEDADE

---

## JUDAICA (JÓ 4,1-42)\*

---

DOI 10.18224/frag.v31i2.8926

EMIVALDO SILVA NOGUEIRA\*\*

FRANCISCO THALLYS RODRIGUES\*\*\*

*Resumo: a história das mulheres acontece em meio a lutas e resistências frente ao paradigma androcêntrico-patriarcal presente nas sociedades da antiguidade. O movimento de Jesus questiona este paradigma, indo ao encontro das resistências femininas presentes na sociedade judaica. O objetivo da presente pesquisa é explicitar o tipo de relação estabelecido entre Jesus e as mulheres, a partir do encontro com a samaritana, tendo em vista as consequências para a evangelização no tempo presente. Por conseguinte, desde os estudos exegéticos dos últimos tempos, sobretudo, das teólogas feministas, tem-se consolidado um movimento de redescoberta da presença feminina no discipulado de Jesus. Jesus anuncia a boa-nova do Reino e o desejo de estabelecer um discipulado de iguais que modifica o papel feminino nas comunidades de fé. O encontro de Jesus com a samaritana ilustra estas mudanças no seio da sociedade judaica. Constata-se que, neste encontro, Jesus rompe com as normas de decoro referentes à relação entre homens e mulheres, bem como ultrapassa as fronteiras étnico-religiosas ao entrar em contato com uma samaritana. Inicia o anúncio da boa-nova aos samaritanos a partir de uma mulher. Destarte, em tempos de Papa Francisco, urge pensar sobre o papel feminino nas comunidades cristãs tendo por horizonte o discipulado de iguais.*

Palavras-chave: *Jesus e as Mulheres. Discipulado de iguais. Reino de Deus.*

**H**iistoricamente a relação entre homens e mulheres de muitas sociedades está transpassada pelo paradigma androcêntrico-patriarcal alicerçado nas religiões e organizações sociais. As mulheres estavam restritas ao âmbito privado da vida

---

\* Recebido em: 15.05.2021. Aprovado em: 07.09.2021.

\*\* Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás com estágio doutoral sanduíche na Pontifícia Universidad Católica de Chile - Facultad de Teología (2018-2019). Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Bolsista CAPES/ PROSUC. *E-mail:* filliusorion@hotmail.com.

\*\*\* Mestrando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) – Bolsista CAPES. Especialista em Bíblia pelas Faculdades EST. Bacharel em filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF), e bacharel em teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). *E-mail:* thallysrodrigues10@gmail.com.

familiar, sendo submissas aos seus maridos. O desenvolvimento da sociedade conduziu a um processo de empoderamento das mulheres que, gradativamente, ascenderam socialmente em meio a lutas e reivindicações. Entretanto, no âmbito eclesial, com frequência as mulheres estão relegadas a papéis secundários com base em leituras equivocadas e/ou fundamentalistas da Palavra de Deus. Desde a prática de Jesus e o anúncio da boa-nova do Reino, podem abrir-se novas discussões sobre este tema.

A presente pesquisa intenta verificar o tipo de relação estabelecido entre Jesus e as mulheres a partir do encontro com a samaritana. O objetivo é investigar as novidades desta relação, bem como as consequências para prática cristã e o discipulado de iguais. Não visa fazer uma vasta exposição do problema das mulheres no ambiente eclesial, muito menos verificar todos os textos nos quais aparece a presença feminina.

A hipótese é que, neste encontro, manifesta-se o desejo de Jesus em estabelecer a fraternidade e igualdade entre homens e mulheres, considerando as mulheres como discípulas no mesmo nível dos homens. O encontro de Jesus com a Samaritana rompe uma série de prescrições legais no que concerne à relação entre homens e mulheres, bem como entre judeus e samaritanos. Permite o despertar para fé e a formação do discipulado de iguais enquanto é inclusivo.

Para investigar esta problemática, diferentes referenciais teóricos servirão de base para o estudo no que se convencionou chamar de pesquisa descritiva quanto aos fins e bibliográfica quanto aos meios. Parte-se da atuação da mulher na Palestina, investigando a sua importância no conjunto da história judaica em meio a lutas e resistências, para depois apresentar a cisão entre samaritanos e judeus. Tendo claro estes dois elementos, torna-se possível compreender a profundidade do encontro de Jesus com a samaritana e refletir sobre a presença feminina nas comunidades cristãs.

## CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES: A ATUAÇÃO DA MULHER NA PALESTINA E A RELAÇÃO ENTRE JUDEUS E SAMARITANOS

Para compreender a carga simbólica presente no encontro de Jesus com a samaritana, torna-se necessário observar dois elementos centrais: primeiro, trata-se de um contato com uma mulher: a relação entre homem e mulher no século I na Palestina era bastante complexa por fatores culturais, econômicos e religiosos; segundo, trata-se de uma mulher da Samaria: a relação entre judeus e samaritanos ao longo da história está marcada por “excomunhões” mútuas. Compreender estes dois elementos é essencial para mergulhar na profundidade deste encontro.

## A SITUAÇÃO SOCIAL DA MULHER NA PALESTINA

Do ponto de vista histórico, a situação social das mulheres passou por significativas mudanças ao longo do tempo. Essas mudanças estiveram relacionadas a diversos fatores, desde questões religiosas, culturais, biológicas até econômicas. Quando se analisa a situação das mulheres nos inícios da era cristã, nota-se semelhanças com o conjunto das sociedades antigas, mas com variações (RICHTER REIMER, 2005).

A análise da história das mulheres é complexa, porque admite diferentes percepções da sua atuação, evoluindo conforme avançam os estudos feministas nas diversas áreas. Em geral, os estudos anteriores aos estudos feministas olham as mulheres desde sua posição de

marginalidade social, relegadas ao lar e aos filhos, em razão de um ambiente marcadamente patriarcal. Esta perspectiva nos é apresentada por Joaquim Jeremias em sua descrição da Palestina no tempo de Jesus. O autor acentua a posição secundária da mulher na sociedade, diferenciando entre as mulheres nobres, que tinham maiores restrições nas relações sociais, e as camponesas, que em razão dos trabalhos laborais gozavam de maior liberdade (RICHTER REIMER, 2006).

Por sua vez, Eisenberg (1998), seguindo na esteira de Jeremias, defende a submissão da mulher ao marido como resultado da diferenciação biológica entre macho e fêmea. Na verdade, o autor afirma que as mulheres são tratadas de modo bastante respeitoso no que se refere ao conjunto da história da humanidade. O poder masculino sobre as mulheres não é total, elas estão preservadas por costumes e leis (EISENBERG, 1998).

Os estudos históricos e exegéticos feministas, aprofundados desde o século passado por autoras como Elisabeth Schüssler Fiorenza e Luise Schottroff (1992), contestam estas perspectivas de análise. A partir destas pesquisas, pode-se afirmar que existe uma presença feminina latente que, ora emerge com maior força e vitalidade, pelo próprio contexto sócio religioso, ora perde força em razão das repressões. Há uma inquietação permanente mesmo diante da perseguição.

A história de Israel está marcada por tensões nas relações entre homens e mulheres. Não se deve falar de uma era de ouro feminina, um matriarcado absoluto que teria se instalado e que, progressivamente, o patriarcado a teria extinguido (SCHOTTROFF; SCHORER; WACKER, 2008). Na verdade, a presença feminina, seja no âmbito do culto religioso às deusas femininas da fertilidade, seja a presença na política dentro do palácio ou na reivindicação de direitos, acontece em meio a tensões e lutas, vitórias e derrotas.

A situação da mulher ao longo da história de Israel, em termos gerais, está atravessada pelas condições e consequências de um sistema de organização patriarcal, o que quer dizer relações de desigualdade, de dominação e de dependência entre os sexos. Nem por isso podemos fazer simplificações apressadas: como em todo processo histórico – quando se olha desde os oprimidos – há lutas, resistências, rebeliões, rupturas, quer dizer, não há uma situação de opressão e esmagamento uniforme (NAVIA VELASCO, 1994, p. 95).

Os diferentes períodos desta história estão atravessados pela constância de uma presença feminina. Desde as primeiras páginas das Escrituras, encontramos mulheres que não se contentam com os papéis a elas atribuídos, mas protagonizam atitudes necessárias para o cumprimento da vontade de Deus: Sara (Gn 18,1-16), Rute (Rt 3,9-13) e Ana (1 Sm 2,1-10).

No início de novas e importantes fases da história do povo de Deus, mulheres estão ativa e inteligentemente presentes, transgredindo a lógica dominante e resistindo para criar possibilidades originais de vida (RICHTER REIMER, 2005, p. 39).

Nas mais diferentes fases da caminhada do povo israelita, encontramos figuras femininas de destaque atuando em diferentes frentes. Colaboradoras na missão, estas mulheres estão presentes de modo discreto, permitindo a libertação do povo. Recordamos a mãe e a irmã de Moisés (Ex 2,4-7), as parteiras Sifrá e Pua desobedientes às leis no salvar a vida de um inocente (Ex 1,15-17), a prostituta Raab que colabora na ocupação da terra (Js 2), a juíza Debora (Jz 5), a grande Judite (Jt 9) e Ester (Est 7,3) que marcam as páginas das escrituras com sua força, vitalidade e sabedoria. Quando necessário, estas mulheres

se envolviam em questões bélicas na defesa da vida, colaboravam em fugas (SCHORER, 2008, p. 142).

A sabedoria era característica necessária às mulheres, visto que deveriam ser conselheiras de seus maridos e instrutoras do lar. Encontramos elogios a mulheres sábias como a sábia de Técoa (2 Sm 14,1-24) e a segunda sábia de Abel-Bete-Maaca (2Sm 20,1-22). “O papel de conselheira do marido é a tarefa provavelmente mais importante da esposa israelita, mais importante do que seu papel de dona de casa” (SCHORER, 2008, p. 136).

Presentes nas cortes, elas influenciam seus filhos e maridos em suas decisões. Sua presença é discreta, mas fundamental. Entre elas estão Maaca (1Rs15,9-13), Neusca (Jr 13,18; 29,2), Bate-Seba (1Rs 2,19-25), Jezabel (1Rs 18-19) e Atália (2Rs 11,1-16; 2Cr 22,10-23). Por outro lado, muitas mulheres tornavam-se escravas por causa das dívidas de seus maridos, outras eram violentadas e/ou assassinadas mesmo estando grávidas (2Rs 8,12; 15,16; Os 14,1; Am 1,13; Is 13,16; Jr 8,10).

Destarte, a situação social das mulheres na Palestina é de marginalidade social e submissão, haja vista o paradigma androcêntrica-patriarcal. Ao mesmo tempo elas lutam por espaços e direitos, movidas pela inconformidade com papéis pré-estabelecidos e consciência da igualdade fundamental enquanto criaturas de Deus. Por isso, não se pode dizer que a situação da mulher era uniforme. Havia diferentes contornos dentro da sociedade judaica, a depender de sua classe social, estruturas. Nas palavras de Velasco:

No século I (no tempo da atuação de Jesus) a mulher judia se encontra em condições precárias: há resistências, há mulheres que rompem com o sistema e propõem posições diferentes... contudo, a nível estrutural, ao nível da lei e do templo (pilares do sistema), as mulheres permanecem em situação de marginalização e sem possibilidades reais de libertação plena (NAVIA VELASCO, 1994, p. 96).

## JESUS ENCONTRA-SE COM A TRADIÇÃO FEMININA, RESGATA-A, VALORIZA.

A relação entre judeus e samaritanos é bastante complexa porque envolve questões culturais, históricas e religiosas. Desde o fim da união pessoal política entre Israel e Judá, assistimos a uma série de eventos que promovem o contínuo afastamento entre os judeus e os samaritanos, numa espécie de “excomunhão mútua”. Para compreender este cenário, é necessário retornar aos episódios posteriores à morte de Salomão.

A morte do sucessor de Davi reacendeu no Reino do Norte o debate sobre a continuidade de sua submissão aos descendentes davídicos. Permanecia vivo em seus corações o antigo ideal carismático que os conduzira no passado. Por isso era preciso saber quais intenções trazia no coração o novo rei e, ao mesmo tempo, levar suas reclamações das duras corveias impostas por seus antecessores (1 Rs 5,13-18). No fundo, “as tribos do Norte viram chegar a oportunidade de fazer valer sua vontade política e de pôr fim à tirania da casa de Davi” (DONNER, 2017, p. 289).

Roboão, sucessor de Salomão, mal aconselhado pela classe dirigente de Jerusalém, decidiu aumentar a repressão sobre as tribos do Norte, que, por sua vez, responderam com o fim da união pessoal política. Herbert Donner (2017, p. 290) alerta para o erro de chamar este processo de divisão do Reino:

O resultado desse processo é designado de modo inexato e equívoco com o termo corrente 'divisão do reino'. Pois não se tratou da divisão de um reino unificado, mas sim da não renovação da união pessoal entre Judá e Israel que existira sob Davi e Salomão. Tratava-se da consolidação e do enrijecimento do velho dualismo Norte e Sul, que havia sido apenas encoberto temporalmente pela união pessoal, mas de modo algum eliminado por ela.

Estava desfeita a monarquia unida das tribos do norte e do sul. Por conseguinte, as desavenças já existentes alcançaram seu ponto máximo com a recusa de Acáz, rei de Judá, a formar uma coalisão antiassíria junto a Rezim de Ará-Damasco e Peca de Israel. Esta rejeição acendeu o desejo do Norte controlar o Sul. Percebendo o risco iminente de invasão, Judá solicitou auxílio ao Império Assírio.

Salmaneser V marchou contra Israel, conseguindo apoderar-se do rei Oseias (2Rs 17,4). A capital Samaria conseguiu resistir durante três anos aos fortes ataques assírios (2Rs 17,5), mas caiu em 722 a.C. Os assírios instalaram uma província em Samaria, deportaram a classe média e alta para a Mesopotâmia (2Rs 17,6) e trouxeram uma nova elite da Babilônia para povoar a nova província (2Rs 17,24). Os novos dirigentes trouxeram consigo seus deuses e fomentaram o sincretismo israelita (2Rs 17,29-34).

Está claro que a população sofreu uma sangria considerável por causa da deportação. Num de seus textos, Sargom II indica que o número de deportados foi de 27.280; eles nunca regressaram. A nova elite, de onde quer que tenha vindo, com o passar do tempo se misturou com a população autóctone (DONNER, 2017, p. 373).

Pode-se afirmar que aqui se encontra uma das raízes para o progressivo afastamento entre as tribos do Norte e Judá. Após o exílio, este distanciamento tornara-se cada vez mais forte. As relações serão cada vez mais difíceis, até se chegar ao cisma samaritano. Não se sabe ao certo se o cisma samaritano foi resultado de um rompimento radical num determinado momento, ou se é fruto do progressivo distanciamento das tribos.

Por fim, na última fase da hegemonia persa, os samaritanos se separam da religião do judaísmo jerosolomita – ou, se não chegou a haver separação, pelo menos houve progressos nessa direção. Fala-se do cisma samaritano e da formação de uma comunidade samaritana independente, que ergueu seu próprio santuário no Garizim, junto a Siquém; ele é mencionado pela primeira vez em 2 Mac 6,2 (DONNER, 2017, p. 504).

Portanto, existia um desprezo natural dos judeus em relação aos samaritanos por considerá-los como um povo judeu-pagão mesclado. Negava-se a descendência patriarcal dos samaritanos, olhava-se com desprezo para eles, tanto em razão do culto no monte Garizim, mas, sobretudo, por causa de sua descendência de colonos persa-medos (JEREMIAS, 2010). Esta situação levava os samaritanos a serem tratados de modo semelhante aos pagãos, proibidos de pagar o imposto do templo, de oferecer sacrifícios pelos seus pecados e de circundar um judeu. Nesta linha, um judeu não poderia comer pão sem fermento preparado por um samaritano, nem animal morto por este.

Quando Jesus atravessa a Samaria, não encontra asilo por estar a caminho do detestado Templo de Jerusalém (Lc 9,52-53); negam-lhe até mesmo água para beber (Jo 4,9). Esses

fatos revelam a ira dos samaritanos contra os judeus; o santuário destruído de Garizim reanimava-a incessantemente (JEREMIAS, 2010, p. 467).

Com base em Levítico (15,24), os judeus eram expressamente proibidos de casar-se com samaritanos, visto que estes eram considerados impuros desde o berço. Não se podia receber deles nenhum alimento ou medida, ou sentar ou repousar onde um samaritano tivesse passado, pois seria um local impuro. As samaritanas eram consideradas menstruadas desde o berço. Por tudo isto, os samaritanos eram tratados como pagãos.

## O ENCONTRO DE JESUS COM A MULHER SAMARITANA NO EVANGELHO DE JOÃO

Depois de visualizar o cisma que havia entre judeus e samaritanos, dentro da sociedade androcêntrica-patriarcal judaica, cabe agora adentrar em nossa perícopes de estudo, procurando perceber que elementos estruturam a relação de Jesus com as mulheres. Terminada esta etapa, poderemos perguntar pelo papel das mulheres no cristianismo e as consequências para a vivência da fé cristã.

“O Evangelho de João é fruto da pregação apostólica ao longo de vários anos e que recebeu suas últimas modificações por volta dos anos 90-95 d.C.” (BROWN, Raymond Edward, 1999, p. 61). Ele não está destinado a uma pregação do primeiro anúncio, mas a cristãos já iniciados na caminhada que têm algum conhecimento da tradição evangélica. Jo 1,1-18 constitui o prólogo do Evangelho, enquanto Jo 1,19 – 4,54 é designado como os Primórdios, estando inserido em um bloco maior que constitui a primeira grande parte do Evangelho: Os sinais de Jesus (Jo 1,19 – 12,50).

A perícopes que analisaremos (Jo 4,1-42) está inserida neste bloco, logo após o diálogo de Jesus com Nicodemos e o testemunho de João. Tanto Nicodemos como a Samaritana representam aqueles que estão sendo instruídos na fé, mas com características bem diferentes conforme veremos.

João insiste, portanto, num protagonismo das mulheres estreitamente vinculado com a elaboração doutrinal da fé cristológica. No diálogo com a samaritana (Jo 4,1-26), que representa um claro progresso em relação ao com Nicodemos, tematicamente semelhante e imediatamente precedente, a função interlocutória da mulher é relevante para o desenvolvimento do conteúdo da doutrina sobre a água que dá a vida (PERRONI, 2017, p. 56).

Nossa perícopes é uma seção narrativa mais longa, própria do evangelho de João, emoldurada por um movimento topográfico da Judeia para a Galileia. Movimentos de chegada e de partida demarcam as mudanças dentro do relato: a chegada de Jesus e dos discípulos (v. 3), a chegada e saída da samaritana (v. 7 e v. 28), a chegada dos discípulos (v. 27) e a chegada dos samaritanos (v.39). “Os diálogos se desenvolvem segundo o esquema literário que já conhecemos: alternância da revelação de Jesus com a incompreensão humana (FABRIS; MAGGIONI, 2006, p. 315). O cenário é um poço à beira do qual acontece o encontro. Os personagens são Jesus e seus discípulos, a Samaritana e os samaritanos.

A narrativa tem início com Jesus e os discípulos movendo-se em direção à Galileia (v. 3). “Era preciso passar pela Samaria” (v. 4). A opção de passagem pela Samaria está carregada de uma profundidade teológica: Jesus deseja encontrar-se com os samaritanos para cumprir a vontade do Pai. O local do encontro é a cidade Sicar (v. 5), no que parece ser um poço dado por Jacó (v. 6).

Aproxima-se do cenário uma samaritana, que veio da cidade em busca de água, trazendo consigo um balde (v. 7). Ela é o oposto de Nicodemos. Ele era homem, chefe dos judeus e fariseu, ela é mulher e samaritana. Enquanto ele veio à noite, ela aparece durante o dia (KONINGS, 2000). “Nicodemos teme perder sua posição e não assume publicamente o seguimento, enquanto a Samaritana imediatamente deixa tudo para anunciá-lo publicamente” (LEITE, 2016, p. 242).

Jesus rompe o silêncio e lhe pede que sacie sua sede (v. 7b)<sup>1</sup>. Esta atitude causa estranheza à samaritana, porque os judeus e os samaritanos não se davam bem (v. 9), conforme vimos. Jesus rompe as barreiras religiosas e sociais ao entrar em contato com uma samaritana, não teme se relacionar com uma mulher, pelo contrário, valoriza a presença feminina e inicia um discipulado de iguais que inclui a todos. As diferenças étnicas e religiosas não têm lugar nos seguidores de Jesus, pois todos são irmãos e irmãs, discípulos de Jesus. Em tempos de crescente intolerância religiosa, a transgressão de Jesus aparece como um itinerário de comunhão a ser assumido pelas religiões.

Na sequência, o próprio Jesus é quem oferece água à mulher. Ora, o simbolismo da água no AT é vasto, podendo representar desde a sabedoria até o Espírito Santo<sup>2</sup>. Aqui trata-se da água como dom de Deus, dom Espírito, que Jesus dará a todos aqueles que nele creem. Na compreensão de Konings (2000, p. 126):

Para entender a fineza da resposta de Jesus é bom saber que, no simbolismo do AT, a água profunda (Pr 18,4; 20,5), a água viva (Sr 21,13; 24,23-34), representa a Sabedoria e a Lei (cf. também Pr 13,14; 16,22; Br 3,12; Sr 24,21; Is 55,1). Mas o símbolo da água pode significar também o Espírito de Deus (Is 32,15; 44,3; Jl 2,28; Ez 36,25-27).

Neste processo de iniciação à fé, Jesus introduz uma nova questão à mulher: “Vai, chama teu marido e volta aqui” (v. 16). Diante da negativa da mulher, Jesus acrescenta que ela teve cinco maridos e o que agora tem não é seu (v. 17-18). A mulher constata que Jesus é alguém extraordinário: um profeta<sup>3</sup> (v. 19). Por isso aproveita para discutir uma questão teológica: “Nossos pais adoraram nesta montanha, mas vós dizeis: é em Jerusalém que está o lugar onde é preciso adorar (v. 20).” A resposta dentro deste processo de iniciação à fé chama a atenção da mulher para o fato de que até então tanto os samaritanos como judeus estavam em vias de acesso limitado, mas agora chegou um tempo de novo acesso no qual nem o Garizim<sup>4</sup>, nem Jerusalém serão necessários (v. 21-25).

Jesus proclama que na era messiânica, que acabou de raiar, a adoração de Deus não estará vinculada a um lugar sagrado. Qualquer prioridade dos judeus sobre os samaritanos, implícita no v.22, será rapidamente desfeita, à medida que se tornar claro que o verdadeiro critério da adoração é a crença em Jesus (PERKINS, 2018, p. 760).

A afirmação leva a mulher a deixar o seu cântaro (v. 28) e correr para a cidade. Ela encontrou uma água mais “doce” que aquela buscada no poço. Era preciso anunciar a todos

esta grande novidade. Aquela mulher marginalizada torna-se apóstola dos samaritanos, anunciando a boa-nova de Jesus, rompendo barreiras étnicas, religiosas e sociais, como o paradigma androcêntrico-patriarcal. O anúncio da mulher provoca o desejo dos seus concidadãos a encontrarem também este mestre (v. 29).

Enquanto isso, os discípulos insistem para que Jesus coma (v. 31), sem conseguir compreender que seu alimento é fazer a vontade do Pai (v. 34), isto é, a salvação para a humanidade. Neste momento, Jesus convida os discípulos a levantar os olhos e perceber que é o tempo da colheita (v. 35). Eles veem que os samaritanos estão se aproximando. A imagem da sementeira e da colheita é um modo de ilustrar a missão entre os samaritanos (MALZONI, 2018, p. 109). A partir do anúncio da mulher, os samaritanos vêm escutar a palavra de Jesus e dizem: “Já não é por causa de teus dizeres que cremos. Nós próprios o ouvimos, e sabemos que esse é verdadeiramente salvador do mundo” (v.42).

Vale destacar que a mulher samaritana se torna a primeira discípula-missionária entre os samaritanos. “A palavra anunciada pela Samaritana permite que os seus concidadãos acolham a palavra e a pessoa de Cristo, anunciando-o como o Salvador do mundo” (LEITE, 2016, p. 240). A experiência com Jesus conduz a deixar os velhos caminhos, brigas e oposições para viver a liberdade dos filhos de Deus. Diante do Mestre, todos têm igual dignidade: pobres, pecadores, prostitutas, mulheres e estrangeiros, porque o Reinado de Deus está dirigido a todos aqueles que acolhem sua palavra.

Ao lado do encontro de Jesus com a samaritana no evangelho de João, vale mencionar também outros textos que evidenciam a facilidade com que Jesus se relacionava com as mulheres, sejam elas mulheres endemoninhadas (Lc 8,2), contaminadas por enfermidades impuras (Mc 5,25-34), “ligadas por Satanás” (Lc 13,16), “adúlteras” (Jo 8,3-4), pecadoras (Lc 7,37) e crentes de outras religiões (Jo 4,7; Mc 7, 24-30). Do mesmo modo, permitiu ser perfumado com caros perfumes por mulheres consideradas indignas (Lc 7,37-38; Jo 12,30).

Destarte, a liberdade de Jesus está ancorada na experiência filial e amorosa que Ele fazia de Deus como Pai e na relação com os irmãos. O duplo movimento de sua liberdade, interior e exterior, expressa esta experiência fundamental com o divino e com o humano. Por conseguinte, a liberdade de Jesus não é egoística, mas está voltada para a realização do projeto de comunhão com Deus e, por isso, se expressa no serviço ao próximo. Neste sentido, a realização da comunhão entre os seres humanos entre si e com Deus, no amor, é o sentido originário e fundamental da liberdade humana. Somente assim pode se realizar o discipulado de iguais.

## O PAPEL FEMININO NAS COMUNIDADES CRISTÃS

A partir do encontro de Jesus com a samaritana é importante pensar as consequências deste contato para a fé e o movimento cristão. A primeira consequência diz respeito à necessidade de superar toda separação, segregação e diferenciação que possa desumanizar; a segunda refere-se à formação de um discipulado de iguais no qual as mulheres, como os homens, tornam-se anunciadoras da boa nova do Reino, apóstolas de Jesus.

Jesus supera o ódio e o egoísmo que separa e desune o ser humano. O desafio do tempo atual consiste em dar continuidade ao discipulado de iguais iniciado por Jesus. Mais do que nunca, é necessário contar a história do cristianismo incluindo e destacando o papel das mulheres. Neste sentido, uma séria teologia bíblica há que levar em consideração a inclusão da memória das mulheres na narrativa teológica. Deve-se “reclamar a história cristã

primitiva como passado próprio de mulheres e insistir em que a história de mulheres é parte integrante da historiografia cristã primitiva” (SCHÜSSLER FIORENZA, 1992, p. 17).

Como se tem elucidado, a partir das provocações de Schüssler Fiorenza (1992), a apresentação de mulheres nos textos primitivos tende a ser mais prescritiva, do que descritiva. Isto é, as mulheres são apresentadas no modo como devem viver e não como vivem realmente. Aos poucos, torna-se clara a opressão masculina sobre as mulheres. “Não diferenças ‘biológicas’ de sexo, mas a família patriarcal e as relações patriarcais de casamento é que geram a inferioridade político-social e a opressão das mulheres” (SCHÜSSLER FIORENZA, 1992, p. 116).

Deve-se estar atento para não fazer de Jesus um antijudeu ou um revolucionário antijudaico que contestou toda a cultura judaica. Se Jesus deu um passo além das práticas de seu tempo, isto foi possível porque ele encontrou uma tradição do povo que lhe deu suporte para tal. O discipulado de iguais suscitado por Jesus era um discipulado judaico. Mas, ao buscar não ser antijudaico, não podemos deixar de analisar e identificar as estruturas patriarcais dominantes do mundo greco-romano em que emergiu o cristianismo (SCHÜSSLER FIORENZA, 1992, p. 135).

Somente se pode pensar na possibilidade de um discipulado de iguais na medida em que dentro do judaísmo encontram-se pequenos impulsos de presença feminina latente. Neste sentido, “A práxis e a visão de Jesus e de seu movimento é melhor entendido como um movimento intrajudaico de renovação, que a apresentava numa opção alternativa às estruturas patriarcais dominantes, do que uma formação de oposição que rejeitava os valores e a práxis do judaísmo” (SCHÜSSLER FIORENZA, 1992, p. 136).

Pode-se olhar a mulher samaritana como símbolo de todas as mulheres que, escutando o anúncio da boa-nova de vida e salvação de Jesus, colocaram-se à disposição, todas as mulheres que decidiram seguir Jesus passando pelo caminho de superação do paradigma androcêntrico-patriarcal. O Novo Testamento traz o testemunho de muitas destas mulheres presentes nas Escrituras: corajosas e destemidas, capazes de pregar o evangelho.

Constata-se que desde os inícios das comunidades cristãs as mulheres estão presentes: elas seguem Jesus e ajudam com seus bens (Lc 8,1-3), acolhem Jesus em sua casa (Lc 10,38-42), experimentam a força restauradora de Jesus em suas curas (Mc 5,25-34), tocam o seu corpo (Lc 7,36-50; Lc 13,10-17), acompanham em todo o seu sofrimento, permanecendo junto à cruz quando os “corajosos discípulos” abandonam o mestre (Mc 15,40-47; Jo 19,25-27). Testemunham a ressurreição (Mt 28,1-10; Lc 24,1-8), mesmo que seu testemunho seja desacreditado (Mc 16,9-20), estão presentes nas comunidades cristãs (At 18,18-28; Rm 16,7). Por conseguinte, as mulheres perseveraram na fé dentro de pequenas comunidades cristãs que vivem o evangelho de Jesus, contrapondo-se à dominação androcêntrica patriarcal.

Contudo, ao longo da história constatamos a continuidade desta oscilação entre presença e ocultamento feminino. O contexto social-religioso influencia os avanços e retrocessos experimentados pelas mulheres. No âmbito eclesial, constata-se pequenos avanços na valorização da presença feminina. Entretanto, chama atenção que as mulheres, apesar de serem maioria nas comunidades cristãs, encontram-se relegadas a serviços secundários dentro das comunidades, visto que permanecem ausentes das instâncias de decisão e de reflexão do conjunto das comunidades.

Apesar disso, em toda a história da Igreja, encontramos resistências e lutas de mulheres por maiores espaços, recordam-se as grandes místicas e teólogas que surgem mesmo em meio ao patriarcado. O Papa Francisco, na sua encíclica sobre a santidade, enumera

muitas destas mulheres: Maria Gabriela Sagheddu, Santa Teresa Benedita da Cruz, Santa Hildegarda de Bingen, Santa Brígida, Santa Catarina de Sena, Santa Teresa de Ávila, Santa Teresa de Lisieux, Santa Josefina Bakhita, Santa Teresa de Calcutá, Santa Faustina Kowalska, Santa Escolástica e Santa Mônica (FRANCISCO, 2018). Do mesmo modo, quando fala da esperança cristã em suas catequeses quaresmais, o sumo Papa recorda a esperança como motor da vida de mulheres como Raquel, Judite, Maria e Maria Madalena (FRANCISCO, 2018).

O Papa Francisco tem chamado a atenção para a enorme importância das mulheres no anúncio da fé e alertado para os riscos de relegar as mulheres ao trabalho de servidão, enquanto a missão das mulheres, assim como de todo cristão, é o serviço à boa-nova. Nas muitas catequeses, homilias, textos e documentos, Francisco ressalta a importância da mulher na evangelização, como anunciadora da boa nova do Reino em todos os povos.

Para mim é muito importante a elaboração das decisões: não só a execução, mas também a elaboração, ou seja, que as mulheres, tanto consagradas como leigas, entrem na reflexão do processo e no debate. Porque a mulher encara a vida com um olhar próprio e nós homens não podemos vê-la assim. É o modo de ver um problema, de considerar qualquer coisa, que a mulher vê de maneira diferente do homem. Devem ser complementares, e nas consultas é importante que haja mulheres (FRANCISCO, 2016).

Frequentemente a discussão sobre a presença feminina na Igreja Católica desemboca no debate sobre o acesso feminino ao sacramento da ordem, não se conseguindo grandes avanços neste tema<sup>5</sup>. Contudo, a questão mais urgente não é a ordenação de mulheres, mesmo que seja uma discussão válida e necessária, mas a participação feminina nas instâncias de decisão sobre os rumos da Igreja e da evangelização. O discipulado de iguais proposto por Jesus coloca as mulheres em igualdade de dignidade e de ação evangelizadora, não se podendo dispensar as contribuições femininas. Francisco reconhece a importância das mulheres no anúncio do Evangelho e recorda características peculiares ao gênio feminino no cuidado com a família, no trabalho pastoral, na sensibilidade para com os sofrimentos. Por isso afirma: “é preciso ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja” (FRANCISCO, 2013, n. 103).

Entretanto, apesar de todos os esforços dos últimos tempos, parece que as mulheres ainda não assumiram de modo suficiente postos de importância dentro da Igreja, não participam de grandes decisões e reflexões. Os membros que formam a Igreja ficaram escravos de seu próprio cristianismo, incapazes de serem consequentes com o discipulado de iguais proposto por Jesus, incapazes de superar o paradigma androcêntrico-patriarcal.

Escandaliza-nos pensar que dar crédito ao evangelho nos conduziria à mudança radical no nosso modo de ser e de proceder partindo desde uma mudança interior, depois, institucional-religiosa e, por fim, societária. O modo como Jesus se relacionou com as mulheres, vencendo tabus e preconceitos de seu tempo, deixa-nos envergonhados pela nossa incapacidade de dar saltos semelhantes. Não estamos suficientemente livres, pois, diante da angústia e do medo de perder o poder, continuamos insistindo na lógica de uma religião patriarcal que nega o potencial de participação feminina nas decisões institucionais, que as trata como classe subalterna. As comunidades cristãs serão mais evangélicas na medida em que se abrirem ao sopro do Espírito que nos impulsiona para a fidelidade à vontade de Jesus.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho que ora encerramos indagou sobre o tipo de relação estabelecida entre Jesus e as mulheres, tomando por base o encontro com a samaritana. Procuramos, através da pesquisa bibliográfica, dissertar sobre os problemas e luzes que envolvem a relação de Jesus com as mulheres. Para atender a este propósito, foi necessário apresentar o contexto sociorreligioso, no qual as mulheres estavam inseridas, destacando o conflito entre samaritanos e judeus, para, em seguida, apresentar o encontro de Jesus com a samaritana e as consequências para a fé cristã e o papel feminino nas Igrejas. A partir disso, algumas considerações podem ser explicitadas.

Primeiro, a marginalização das mulheres na sociedade e no tempo está diretamente relacionada aos enclaves sociais, aos espaços e papéis assumidos pelas mulheres em cada sociedade, e não à questão biológica reprodutiva. Neste sentido, a organização social tanto pode colaborar para a participação da mulher quanto obscurecê-la.

Segundo, ao olhar as Sagradas Escrituras, encontramos sinais de opressão e de dominação dentro do paradigma androcêntrico patriarcal, mas também relatos de luta e resistências de mulheres que abrem espaço para a posterior atuação de Jesus. Mulheres de diferentes momentos ultrapassam os papéis e normas estabelecidos em seus tempos.

Terceiro, Jesus encontra-se com esta tradição das mulheres e a partir do anúncio da boa nova do Reino concebe um discipulado de iguais que supera toda desumanização, barreiras étnicas, culturais e religiosas a fim de que o cuidado com a vida seja garantido. Por conseguinte, o encontro com samaritana ilustra o discipulado de iguais na medida em que aquela mulher se torna apóstola de Jesus no meio de seu povo. As comunidades cristãs necessitam repensar o papel das mulheres, sobretudo, nas instâncias de decisão e de reflexão superando quaisquer barreiras que conduzem à submissão feminina.

## THE MOVEMENT OF JESUS AND THE FEMALE RESISTANCE PRESENT IN JEWISH SOCIETY (Job 4:1-42)

*Abstract: women's history takes place in the midst of struggles and resistance to the androcentric-patriarchal paradigm present in ancient societies. The Jesus movement questions this paradigm, meeting the female resistance present in Jewish society. The objective of this research is to explain the type of relationship established between Jesus and women, from the meeting with the Samaritan woman, considering the consequences for evangelization in the present time. Consequently, since recent exegetical studies, especially by feminist theologians, a movement to rediscover the female presence in Jesus' discipleship has been consolidated. Jesus announces the good news of the Kingdom and the desire to establish a discipleship of equals that changes the female role in faith communities. Jesus' encounter with the Samaritan woman illustrates these changes within Jewish society. It appears that, in this meeting, Jesus breaks with the norms of decorum regarding the relationship between men and women, as well as crosses ethnic-religious boundaries when coming into contact with a Samaritan woman. The announcement of the good news to the Samaritans begins with a woman. Thus, in the times of Pope Francis, it is urgent to think about the role of women in Christian communities having as a horizon the discipleship of equals.*

**Keywords:** *Jesus and Women. Discipleship of equals. God's kingdom.*

## Notas

- 1 “Sobre o pano de fundo de outros textos do Quarto Evangelho, a sede de Jesus pode ser entendida também como expressão de sua sede pela salvação da humanidade. Recordam-se imediatamente as palavras de Jesus antes de morrer na cruz: “tenho sede” (Jo 19,28)” (BEUTLER, 2015, p. 116).
- 2 “O símbolo da água doce na literatura Joanina está relacionado com a imagem do Espírito Santo. Neste sentido, a água, que Jesus oferece à Samaritana é o próprio dom do Espírito, conforme o Quarto Evangelho” (LEITE, 2016, p. 238).
- 3 Malzoni (2018, p. 106) esclarece: “é a samaritana que pronuncia a palavra ‘Messias’, o que parece estranho. Havia uma expectativa messiânica entre os samaritanos? De fato, os samaritanos tinham apenas o Pentateuco como Escritura, e a expectativa do Messias se baseava, sobretudo, nos livros proféticos. Havia, no entanto, entre os samaritanos, a expectativa da vinda de um Ta’eb (literalmente ‘aquele que retorna’), que se reportava, em última instância, à figura do Profeta anunciado por Moisés, que, conforme diz a Samaritana, iria explicar as coisas e guiar pelo caminho seguro”.
- 4 Segundo Konings (2000, p. 127), “o monte Garizim se enxerga do lugar onde Jesus se encontra. Existia aí, 150 anos antes, um templo, que foi destruído pelos judeus (pelo rei hasmoneu João Hircano, em 128 a.C.). Juntamente com o poço de Jacó, o monte Garizim é um dos principais símbolos da comunidade samaritana”.
- 5 O Papa Francisco tem procurado caminhos alternativos para presença feminina: instalou uma comissão de especialistas com grande presença feminina, responsáveis por investigar o que foi o diaconato feminino, tem colocado algumas mulheres em postos importantes da Igreja. Vale recordar que as mulheres, devidamente autorizadas pelo ordinário local, podem ministrar alguns sacramentos como o batismo e o casamento, além da celebração da Palavra com distribuição da eucaristia.

## Referências

- BEUTLER, Johannes. *Evangelho de João*: comentário. São Paulo: Loyola, 2015.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BROWN, Raymond Edward. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Paulus, 1999.
- DONNER, Herbet. *História de Israel e dos povos vizinhos*. v. 1. Dos primórdios até a formação do Estado. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2015.
- DONNER, Herbet. *História de Israel e dos povos vizinhos*. v. 2. Da época da divisão do reino até Alexandre Magno. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2017.
- EISENBERG, Josy. *A mulher no tempo da Bíblia*: enfoque histórico-sociológico. São Paulo: Paulinas, 1998.
- FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal Amoris Laetitia*. São Paulo: Loyola, 2017.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate*. Brasília: Edições CNBB, 2018.
- FRANCISCO, Papa. *A esperança cristã*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FRANCISCO, Papa. *Diálogo do Papa Francisco com os participantes da Plenária da União Internacional das Superiores Gerais*. 2016. Disponível em [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/may/documents/papa-francesco\\_20160512\\_uisg.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/may/documents/papa-francesco_20160512_uisg.html). Acesso em: 21 mar. 2020.

- FRANCISCO, Papa. Discurso aos participantes do seminário sobre a carta apostólica *Mulieris Dignitatem*. 2020.
- JEREMIAS, Joaquim. *Jerusalém no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2010.
- KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LEITE, Gilvan. Jesus e a Samaritana. *Revista de Cultura Teológica*, n. 87, p. 231-249, jan./jun. 2016.
- NAVIA VELASCO, Carmiña. *Jesus liberta uma mulher*. RIBLA, n. 18, p. 94-98, jul./dez. 1994.
- MALZONI, Cláudio Vianney. *Evangelho segundo João*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- PERRONI, Marinella. *As mulheres da Galileia: presenças femininas na primeira comunidade cristã*. São Paulo: Loyola, 2017.
- PERKINS, PHEME. Evangelho segundo João. In: BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Roland; MURPHY, Roland E. *Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Paulus, 2018.
- RICHTER REIMER, Ivoni. *Grava-me com o selo sobre teu coração: teologia bíblica feminista*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- RICHTER REIMER, Ivoni. Patriarcado e economia política, o jeito romano de organizar a casa. In: RICHTER REIMER, Ivoni (org.). *Economia do mundo bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos*. São Leopoldo: CEBI/Sinodal, 2006.
- SCHOTTROFF, Luise. *Mulheres no Novo Testamento: exegese numa perspectiva feminista*. São Paulo: Edições Paulinas, 1995.
- SCHORER, Sílvia. A caminho para uma reconstrução feminina da história de Israel. In: SCHOTTROFF, Luise; SCHORER, Sílvia; WACKER, Marie-Theres. *Exegese feminista: resultados de pesquisas bíblicas na perspectiva de mulheres*. São Leopoldo: Sinodal/EST; São Paulo: ASTE, 2008.
- SCHWANTES, Milton. *Breve história de Israel*. São Leopoldo: Oikos, 2008.
- SCHÜSSLER FIORENZA FIORENZA, Elisabeth. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- STEGEMANN, Ekkhard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo: os primórdios do judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.